

ORANDO COM O ENTENDIMENTO

— JOHN BUNYAN —



Orando Com o Entendimento

John Bunyan

Algumas citações deste Tratado

“É, pois, conveniente que tanto o entendimento como o coração e os lábios participem na oração.”

“O que é feito com o entendimento é feito mais eficiente, consciente e sinceramente. Isso foi o que fez o apóstolo rogar pelos Colossenses, para que Deus os enchesse “do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual” (Colossenses 1:9), e pelos Efésios, para que Deus lhes desse o “espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento” (Efésios 1:17,18), e também pelos Filipenses, que o seu amor abundasse “mais e mais em ciência e em todo o conhecimento,” (Filipenses 1:9).”

“É conveniente que um homem tenha compreensão suficiente de tudo aquilo que empreende, seja secular ou espiritual, e, portanto, e com maior razão, devem desejar isto todos os que aspiram ser pessoas de oração.”

“Entendimento significa falar em nossa própria língua e também experimentalmente: passarei de largo do primeiro e me ocuparei somente com o outro. Para oferecer as orações corretamente, é preciso que haja um entendimento são e espiritual em todos os que oram a Deus.”

“Orar com entendimento é orar sob a orientação do Espírito, compreendendo a necessidade daquilo que a alma há de pedir. Embora um homem necessite sobremaneira de perdão dos pecados, e de ser livrado da ira que há vir, se não entende, não o desejará em absoluto, ou sentirá tanta indiferença e mornidão em seus desejos, que Deus aborrecerá mesmo a atitude espiritual de pedir essas coisas. Isso foi o que aconteceu com a igreja em Laodicéia: Ihes faltava conhecer o que é o entendimento espiritual; não sabiam que eram tristes, miseráveis, pobres, cegos e nus. A causa pela qual eles e todos os seus cultos eram considerados por Cristo como uma abominação, a tal ponto que Eles lhes ameaçou vomitar de Sua boca (Apocalipse 3:16, 17).”

“O Entendimento espiritual percebe no coração de Deus a predisposição e boa vontade para dar a alma aquelas coisas que necessita. Por este meio Davi poderia até mesmo supor os pensamentos de Deus para com ele (Salmo 40:5). E o mesmo ocorria com a mulher cananéia (Mateus 15:22-28): pela fé, e por um correto entendimento, discernia, por trás da severa atitude de Cristo, a ternura e o desejo de ajuda-la que havia em Seu coração.”

“Não há nada que induza tanto a alma a buscar a Deus e a clamar pedindo perdão, como o entendimento de que no coração de Deus há o desejo de salvar aos pecadores.”

“Se um homem visse uma pérola de grande valor envolta no barro, passaria de largo sem se preocupar, por não entender o seu valor, mas uma vez que conheceu esta, iria correr grandes riscos para obtê-la. Assim ocorre com as almas no que diz respeito às coisas de Deus. Uma vez que chegaram a entender o seu valor, seu coração e todo o poder de sua alma correm atrás delas, e não cessam de clamar até que as obtenha.”

“Uma vez iluminado o entendimento, está aberto o caminho para que a alma se aproxime a Deus com argumentos apropriados, às vezes na forma de luta, como no caso de Jacó (Gênesis 32), às vezes em forma de súplica, e não apenas verbalmente, senão que até mesmo no coração o Espírito introduziu através do entendimento argumentos eficazes e capazes de comover o coração de Deus.”

“E para ilustrar com um símile o que foi dito, digamos por acaso que dois homens vêm pedindo à sua porta. Um deles é pobre, aleijado, está ferido e quase morto de fome, o outro é uma criança saudável, cheio de saúde e vigor. Ambos usam as mesmas palavras para pedir esmola. Sim, os dois dizem que estão morrendo de fome, mas, indubitavelmente, o pobre e aleijado é o que fala com mais sentido, experiência e compreensão das misérias que menciona em seu pedido. Se vê nele uma expressão mais viva quando ele lamenta sobre o que lhe ocorre costumeiramente. Sua dor e pobreza lhe fazem falar em um espírito de maior lamentação do que o outro, por isso será socorrido antes por qualquer pessoa que tenha um pingo de afeto ou compaixão natural. Isso se aplica exatamente com Deus. Alguns oram por costume e etiqueta, outros na amargura de seus espíritos. Um ora por mera noção, puro conhecimento intelectual; outro as palavras lhe saem ditas pela angústia de sua alma. Sem dúvida, Deus atenderá para estes, aos de espírito humilde e contrito, aos que tremem da Sua Palavra (Isaías 66:2).”

“Aquele cujo entendimento foi aberto pelo Espírito não tem necessidade de imitar as orações de outros homens. Experiência real, o sentimento e a pressão que pesam sobre seu espírito, fazem com que expresse, com gemidos, sua petição ao Senhor.”

“Os aparentes atrasos de Deus não são provas de Seu desagrado, às vezes é possível que esconda Seu rosto dos santos que mais ama. Lhe agrada em extremo manter os Seus em oração, encontra-los continuamente batendo na porta do céu. Pode ser, diz a alma, que o Senhor me prova, ou que Lhe agrada ouvir como lhe apresento, gemendo, a minha condição.”

Orando Com o Entendimento¹

John Bunyan

O apóstolo faz uma clara distinção entre orar com o Espírito e orar com o Espírito e com o entendimento: “Vou orar com o Espírito, mas também orarei com o entendimento” (1 Coríntios 14:15). Esta distinção foi feita porque os Coríntios não observaram que tudo quanto faziam devia ser feito para edificação própria, e também das outras pessoas, não somente para a sua própria glória, como estava acontecendo. Entregues aos seus dons extraordinários - como falar em línguas diferentes e etc. - negligenciado a edificação dos irmãos; este foi o motivo pelo qual Paulo lhes escreveu este capítulo, para fazê-los entender que, embora os dons extraordinários fossem excelentes, a edificação da igreja era mais excelente ainda. “Porque, se eu orar em língua desconhecida, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto (bem como a compreensão dos outros). Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento.” (1 Coríntios 14:14-15)

É, pois, conveniente que tanto o entendimento como o coração e os lábios participem na oração. O que é feito com o entendimento é feito mais eficiente, consciente e sinceramente. Isso foi o que fez o apóstolo rogar pelos Colossenses, para que Deus os enchesse “do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual” (Colossenses 1:9), e pelos Efésios, para que Deus lhes desse o “espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento” (Efésios 1:17,18), e também pelos Filipenses, que o seu amor abundasse “mais e mais em ciência e em todo o conhecimento,” (Filipenses 1:9).

É conveniente que um homem tenha compreensão suficiente de tudo aquilo que emprende, seja secular ou espiritual, e, portanto, e com maior razão, devem desejar isto todos os que aspiram ser pessoas de oração. Espero mostrar-lhes o que é orar com entendimento.

Entendimento significa falar em nossa própria língua e também experimentalmente: passarei de largo do primeiro e me ocuparei somente com o outro. Para oferecer as orações corretamente, é preciso que haja um entendimento são e espiritual em todos os que oram a Deus.

[1] O Texto deste E-book é uma compilação de “Um Tratado Sobre Oração”, por John Bunyan, Publicado pelo site OEstandarteDeCristo.com em Novembro do ano de 2013. Você pode baixar o e-book deste tratado acessando este link: <<http://oestandartedecristo.com/site/wp-content/uploads/2013/12/Um-Tratado-Sobre-Oração-John-Bunyan.pdf>>

1. Orar com entendimento é orar sob a orientação do Espírito, compreendendo a necessidade daquilo que a alma há de pedir. Embora um homem necessite sobremaneira de perdão dos pecados, e de ser livrado da ira que há vir, se não entende, não o desejará em absoluto, ou sentirá tanta indiferença e mornidão em seus desejos, que Deus aborrecerá mesmo a atitude espiritual de pedir essas coisas. Isso foi o que aconteceu com a igreja em Laodicéia: lhes faltava conhecer o que é o entendimento espiritual; não sabiam que eram tristes, miseráveis, pobres, cegos e nus. A causa pela qual eles e todos os seus cultos eram considerados por Cristo como uma abominação, a tal ponto que Eles lhes ameaçou vomitar de Sua boca (Apocalipse 3:16, 17). Os homens podem recitar as mesmas palavras que outros têm escrito ou dito, porém se não o fazem com entendimento, mesmo que houvesse naqueles outros [os que escreveram ou proferiram a oração], a diferença é grande, apesar de serem pronunciadas as mesmas palavras.

2. O Entendimento espiritual percebe no coração de Deus a predisposição e boa vontade para dar a alma aquelas coisas que necessita. Por este meio Davi poderia até mesmo supor os pensamentos de Deus para com ele (Salmo 40:5). E o mesmo ocorria com a mulher cananéia (Mateus 15:22-28): pela fé, e por um correto entendimento, discernia, por trás da severa atitude de Cristo, a ternura e o desejo de ajuda-la que havia em Seu coração; o que lhe ser veemente e fervorosa, mais ainda, constante até que chegou a desfrutar da misericórdia que necessitava.

Não há nada que induza tanto a alma a buscar a Deus e a clamar pedindo perdão, como o entendimento de que no coração de Deus há o desejo de salvar aos pecadores. Se um homem visse uma pérola de grande valor envolta no barro, passaria de largo sem se preocupar, por não entender o seu valor, mas uma vez que conheceu esta, iria correr grandes riscos para obtê-la. Assim ocorre com as almas no que diz respeito às coisas de Deus. Uma vez que chegaram a entender o seu valor, seu coração e todo o poder de sua alma correm atrás delas, e não cessam de clamar até que as obtenha. Os dois homens cegos do Evangelho, sabendo certamente que Jesus, que passava então, podia e queria curar as enfermidades que os afligiam, clamaram, e ao verem-se repelidos, clamaram com mais força ainda (Mateus 20:29-31).

3. Uma vez que o entendimento tem sido espiritualmente iluminado, descobrimos como a alma deve se aproximar de Deus: o que serve de grande encorajamento. É assim também com a miserável alma, como com alguém que tem uma obra a cumprir, e se não a fizer, o perigo é grande; e se a fizer, também é grande a vantagem. Mas ele não sabe como começar, nem como prosseguir, e então, em meio ao desencorajamento, abandona a tudo, e corre o perigo.

4. O entendimento iluminado vê nas promessas de Deus suficiente amplitude para sentir-se alentado a orar; o que lhe acrescenta força sobre força. Assim como quando os homens prometem certas coisas aos que vêm por elas, isto constitui motivo de encorajamento para aqueles que conhecem tais promessas, assim ocorre com aqueles que conhecem as promessas de Deus.

5. Uma vez iluminado o entendimento, está aberto o caminho para que a alma se achegue a Deus com argumentos apropriados, às vezes na forma de luta, como no caso de Jacó (Gênesis 32), às vezes em forma de súplica, e não apenas verbalmente, senão que até mesmo no coração o Espírito introduziu através do entendimento argumentos eficazes e capazes de comover o coração de Deus. Quando Efraim chega a compreender corretamente qual foi a sua vil atitude para com o Senhor, começa a lamentar-se (Jeremias 31:18, 19 e 20). E ao lamentar-se contra si mesmo, emprega tais argumentos que comovem o coração do Senhor, obtém o Seu perdão, e se faz agradável aos Seus olhos por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, “Bem ouvi eu que Efraim se queixava”, diz Deus. “Castigaste-me e fui castigado, como novilho ainda não domado; converte-me, e converter-me-ei, porque tu és o Senhor meu Deus. Na verdade que, depois que me converti, tive arrependimento; e depois que fui instruído (ou receberam instruções a respeito de mim mesmo), bati na minha coxa; fiquei confuso, e também me envergonhei; porque suportei o opróbrio da minha mocidade.” Estas são as queixas e lamentações de Efraim contra si mesmo, ante as quais o Senhor irrompe nas seguintes expressões, capazes de derreter um coração: “Não é Efraim para mim um filho precioso, criança das minhas delícias? Porque depois que falo contra ele, ainda me lembro dele sollicitamente; por isso se comovem por ele as minhas entranhas; deveras me compadecerei dele, diz o Senhor” [Jeremias 31:20]. Podeis, pois, ver que é necessário orar com o Espírito, mas também com o entendimento.

E para ilustrar com um símile o que foi dito, digamos por acaso que dois homens vêm pedindo à sua porta. Um deles é pobre, aleijado, está ferido e quase morto de fome, o outro é uma criança saudável, cheio de saúde e vigor. Ambos usam as mesmas palavras para pedir esmola. Sim, os dois dizem que estão morrendo de fome, mas, indubitavelmente, o pobre e aleijado é o que fala com mais sentido, experiência e compreensão das misérias que menciona em seu pedido.

Se vê nele uma expressão mais viva quando ele lamenta sobre o que lhe acontece costumeiramente. Sua dor e pobreza lhe fazem falar em um espírito de maior lamentação do que o outro, por isso será socorrido antes por qualquer pessoa que tenha um pingote de afeto ou compaixão natural. Isso se aplica exatamente com Deus. Alguns oram por costume e etiqueta, outros na amargura de seus espíritos. Um ora por mera noção, puro

conhecimento intelectual; outro as palavras lhe saem ditas pela angustia de sua alma. Sem dúvida, Deus atenderá para estes, aos de espírito humilde e contrito, aos que tremem da Sua Palavra (Isaías 66:2).

6. O entendimento bem iluminado é também de admirável utilidade, tanto no que se refere ao tema como à maneira de orar. Aquele que possui uma compreensão exercitada para discernir entre o bem e o mal, e um sentido da miséria do homem e da misericórdia de Deus, não necessita que os escritos de outros homens lhe ensinem a clamar por meio de fórmulas de oração. Da mesma forma que, ao que sente dor, não é necessário ser ensinado a dizer “Ai!”. Aquele cujo entendimento foi aberto pelo Espírito não tem necessidade de imitar as orações de outros homens. Experiência real, o sentimento e a pressão que pesam sobre seu espírito, fazem com que expresse, com gemidos, sua petição ao Senhor.

Quando as dores da morte atingiram Davi, e as angústias do sepulcro lhe rodearam, não precisou de um bispo com sobrepeliz lhe ensinasse a dizer: “Livra agora, ó Senhor, a minha alma” (Salmo 116:3,4). Nem consultar um livro para ensinar-lhe uma fórmula para derramar seu coração a Deus. Por natureza, quando os homens estão enfermos, quando lhes aflige a dor e a enfermidade, seu coração desabafa em doloridos lamentos e queixas aos que lhes rodeiam. Este foi o caso de Davi no Salmo 38:1-12. E esse também, bendito seja o Nome do Senhor, é o caso dos que estão dotados com a graça de Deus.

7. É necessário que haja um entendimento iluminado a fim de que a alma seja levada a perseverar no serviço e dever da oração.

O povo de Deus não ignora os muitos ardis, truques e tentações que o Diabo usa para fazer uma pobre alma, verdadeiramente desejosa de ter o Senhor Jesus Cristo, chegue a cansar-se de buscar a face de Deus, e a pensar que Ele não quer ter misericórdia dela. “Sim”, diz Satanás, “você pode orar o quanto quiser, porém não prevalecerá. Veja seu coração: duro, frio, torpe e embotado. Não oras com o Espírito, não oras com verdadeiro fervor; teus pensamentos se desviam para outras coisas quando aparentas estar orando a Deus. Fora, hipócrita; já basta; é inútil continuar lutando.”

Eis aqui, então, que, se a alma não é bem advertida, clamará no momento: “O Senhor me desamparou, o meu Senhor se esqueceu de mim!” Enquanto a que está devidamente instruída e iluminada diz: “Bem, buscarei ao Senhor e esperarei, não cessarei, ainda que não me diga nenhuma palavra de consolo. Ele amava apaixonadamente a Jacó, porém lhe fez lutar antes de obter a bênção”. Os aparentes atrasos de Deus não são provas de

Seu desagrado, às vezes é possível que esconda Seu rosto dos santos que mais ama. Lhe agrada em extremo manter os Seus em oração, encontra-los continuamente batendo na porta do céu. Pode ser, diz a alma, que o Senhor me prova, ou que Lhe agrada ouvir como lhe apresento, gemendo, a minha condição.

A mulher cananéia não quis considerar por negativas verdadeiras as que eram somente aparentes; sabia que o Senhor era misericordioso. O Senhor vindicará os Seus ainda que seja tardio. O Senhor tem me esperado muito mais tempo do que eu a Ele, e o mesmo ocorreu com Davi. “Esperei com paciência”, diz (Salmo 40:1), isto é, passou muito tempo antes do Senhor me responder, mas finalmente “se inclinou para mim e ouviu o meu clamor.” O melhor remédio para isto é um entendimento bem informado e iluminado. É uma pena que existam no mundo tantas pobres almas que verdadeiramente temem ao Senhor, e que, por não estarem bem instruídas, frequentemente estão dispostas a dar tudo por perdido, cada vez que Satanás emprega um de seus truques e tentações! Que o Senhor se compadeça delas e lhes ajude a orar com o Espírito, e também com o entendimento. Aqui eu poderia mencionar grande parte de minha própria experiência.

Nas minhas crises de agonia espiritual, eu tive fortes tentações para desistir e não buscar mais ao Senhor, todavia havendo-me feito entender quão grandes pecadores eram aqueles de quem Ele teve misericórdia, e quão grande eram as suas promessas aos pecadores, e que não era ao que está são, mas o doente, não ao justo, mas o pecador, e não ao que está pleno, mas ao que está vazio, a quem lhes comunicava a Sua graça e misericórdia, e isto, com a ajuda do Espírito Santo, fez-me aderir a Ele, apoiar-me nEle, e que ao mesmo tempo clamasse, ainda que no momento não enviou resposta. Que o Senhor ajude a todo este pobre povo, tentado e afligido, a fazer o mesmo, e a perseverar, ainda que tenham que esperar muito tempo, de acordo com o que o que foi dito pelo profeta (Habacuque 2:3). E os ajude (para esta finalidade) a orar, não pelas invenções dos homens, e suas formas restritas, mas “com o Espírito, e também com o entendimento”.

John Bunyan, 1660.

Sola Scriptura!

Sola Gratia!

Sola Fide!

Solus Christus!

Soli Deo Gloria!

Fonte: CimientoEstable.org | Título Original: “A Discourse Touching Prayer”

As citações bíblicas usadas nesta tradução foram retirada da versão ACF (Almeida Corrigida Fiel)

Tradução do espanhol e capa por William Teixeira | Revisão por Camila Rebeca Almeida

QUEM SOMOS:

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como Robert Murray McCheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos três autores. Isto não significa que não fazemos publicação de outros autores, mas que estamos concentrados naqueles já mencionados acima.

O Estandarte é formado por cristãos que buscam estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possam glorificar a Deus e deleitar-se nEle desde agora e para sempre.

- ◆ Contato: OEstandarteDeCristo@outlook.com
- ◆ Visite nossas páginas no Facebook:

www.facebook.com/OEstandarteDeCristo | www.facebook.com/NaoConformistasPuritanos

Uma Biografia de John Bunyan



John Bunyan (1628-1688)

John Bunyan nasceu em 1628, em Elstow, próximo a Bedford, filho de Thomas Bunyan e Margaret Bentley. Thomas Bunyan, um caldeireiro ou latoeiro, era pobre, mas não necessitado. Aos dezesseis anos ele perdeu sua mãe e um mês depois sua irmã. No prazo de um mês seu pai casou-se novamente. Bunyan tornou-se revoltado e obstinado, muitas vezes entregando-se à blasfêmia. Mais tarde, ele escreveu: “Era o meu deleite ser levado cativo pelo diabo à sua vontade: estando cheio de toda iniquidade; que desde a infância eu tinha apenas poucos comparáveis (iguais, equivalentes), tanto para amaldiçoar, praguejar, mentir e blasfemar contra o santo nome de Deus”(Obras de Bunyan , ed. George Offor, 1:6).

Pouco temos de sua experiência no exército, porém com dezesseis os ele foi recrutado pelas forças parlamentares para um período de dois a três anos. O testemunho de conversão de João Bunyan é descrito seu livro *Grace Abounding to the Chief of Sinners* (Graça Abundante para o Principal dos Pecadores). Por exemplo, após vir um sermão sobre o dia do Senhor ele voltou para casa um peso no espírito. No entanto, mais tarde ele saiu para ar parte num jogo de “gato”. Quando era sua vez de pegar bastão, ele ouviu uma voz do céu: “você vai deixar seus pecados e ir para o céu ou vai abraçar seus pecados e ir para o inferno?” Ele parou de jogar imediatamente e disse ter visto o Senhor Jesus olhando para ele. Mesmo depois disso ele voltou velho hábito de jogar aos sábados e continuou incrédulo. Posteriormente, ao ouvir mais uma vez algumas mulheres falarem sobre o novo nascimento, ele ficou convicto de seu pecado outra vez. Essas mesmas mulheres apresentaram-no seu pastor, em Bedford, um excelente homem chamado John Gifford. Ele foi o instrumento para levar Bunyan ao arrependimento e à fé.

Após sua dramática conversão, Bunyan dedicou-se à tarefa de pregar o Evangelho. Em 1653, Bunyan tornou-se membro de igreja e um ano mais tarde mudou-se para Bedford com sua esposa quatro filhos, todos com menos de seis anos de idade. Em 1655 tornou-se diácono da igreja e

começou a pregar. Nessa época sua esposa faleceu. Por não ser um ministro ordenado pela Igreja da Inglaterra, ele foi sucessivamente encarcerado por causa de sua atividade de pregação, tendo passado um total de 12 anos na prisão. Em 1660 ele foi preso por pregar, algum tempo antes disso uma jovem mulher piedosa concordou em casar-se com ele. Embora sua segunda esposa cuidasse das crianças, a presença de Bunyan era muito requisitada e casa. Era agonizante, mas ele recusara-se a comprometer sua consciência e preferiu a prisão a concordar com a Igreja da Inglaterra ou parar de pregar. Doze anos de confinamento prisão aconteceram desde os trinta e dois aos quarenta e quatro anos. Ele amava especialmente sua filha cega que ia à prisão para trabalhar com ele, a fim de fazer cadarços sapatos e assim ajudar a alimentar a família.

Na prisão, enquanto ele escrevia muitas de suas melhores obras, sua biblioteca consistia de sua Bíblia, uma concordância e o Foxe's Book of Martyrs (O Livro dos Mártires, por John Foxe). Na ele deu início à sua obra prima mais conhecida: The Pilgrim's Progress (O Peregrino), uma obra magistral e best-seller de todos os tempos, perdendo apenas para a Bíblia. Depois das Escrituras este é geralmente o segundo livro a ser traduzido para outras línguas.

Eventualmente, através da influência e da intervenção de John Owen, Bunyan foi libertado e salvo de mais um longo período na prisão. Como acontecia com John Rogers, de Dedham, uma extraordinária unção acompanhava a pregação de João Bunyan, o qual, dentre todos, era o mais imaginativo, eloquente e atrativo pregador de seu tempo. Seu uso de alegorias era único. John Owen dizia que ele trocaria alegremente todo o seu conhecimento se apenas pudesse pregar como Bunyan. Quando John Bunyan visitou Londres sua pregação atraiu milhares ao invés de centenas.

Quando John Newton (1725-1807), o autor do famoso hino Graça Eterna, refletiu sobre um período extremamente difícil na vida de Bunyan, observou: "O Senhor tem razões, muito além de nossa compreensão, para abrir uma imensa porta, enquanto fecha a boca de um pregador útil. John Bunya não teria realizado metade do bem que fez, se tivesse continuado a pregar em Bedford, em vez de ficar calado na prisão desta cidade por doze anos".

O estilo de escrever de Bunyan é poderoso e a maneira como ele usa o inglês é um prazer para qualquer leitor. Toda obra completa de Bunyan foi publicada pela Banner of Truth Trust em belos volumes ilustrados.

Referências:

HULSE, Erroll. **Quem foram os Puritanos?** ...e o que eles ensinaram. Traduzido por Maria Judith Prada Menga, 1ª edição. São Paulo: PES, 2004. p. 121-125.

BEEKE, Joel; PEDERSON, Randall. **16 Biografias Puritanas**. Extraído de Conheça os puritanos. Disponível: <<http://www.monergism.com/thethreshold/articles/onsite/meetthepuritans/ABriefHistory.html>>. Acesso em: 23 de setembro de 2013.

HAYKIN, Michael. Introdução - John Bunyan (1628 – 1688). In: BUNYAN, John. **Graça Abundante ao principal dos pecadores**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fiel, 2012, p. 7-16.